

# A LÓGICA COMO DIÁLOGO\*

Marly Carvalho Soares\*\*

**SÍNTESE** – O objetivo deste artigo é analisar a Lógica do Discurso na obra de Éric Weil, bem como relacionar os diversos discursos já feitos na história da filosofia na tentativa de apresentar um a nova maneira de ser, de compreender, de falar e de agir. Estes discursos se manifestam como aceitação do absoluto – optando pela racionalidade, ou como recusa ao diálogo – optando pela violência. Esta lógica pretende superar as demais lógicas articuladas na história.

**PALAVRAS-CHAVE** – Fala, opção, filosofia, violência.

**ABSTRACT** – The objective of this article is to analyze the Logic of Speech in Éric Weil's work, as well as to already relate the several speeches done in the history of the philosophy, in the attempt of presenting a new personality, of understanding, of speaking and of acting. These speeches show as acceptance of the absolute – when we opted for the rationality, or as it refuses of the dialogue – when we opted for the violence. That logic intends to overcome the other logics articulated in the history.

**KEY WORDS** – Speech, option, philosophy and violence.

Dando continuidade à minha pesquisa sobre Éric Weil, cujo conteúdo em parte já foi trabalhado por mim na minha tese de doutorado que se intitula “O filósofo e o político”, tentarei elaborar um estudo a respeito da sua Lógica da Filosofia, que me parece original quanto à sua estrutura dialética, apresentando uma *Lógica como diálogo*, que engloba diferentes maneiras de ser, de compreender, de falar e de agir. E nesta estrutura está contida toda a História da Filosofia desde a Antiguidade até a Pós-Modernidade. Portanto é um diálogo com diferentes discursos na tentativa de superá-los e apresentar o “novo”. Qual é o novo? O novo é a recusa ao diálogo, tematizado nas categorias da Obra e do Finito, configurando a violência, que é exatamente a recusa da racionalidade, isto é, da filosofia. O novo é a pretensão de querer compreender esse outro diferente tal qual se manifesta.

Definir esta nova maneira de filosofar é captar o espírito inovador ou revolucionário de Weil, que contesta toda uma filosofia já historicamente constituída, tentando colocá-la para além de um Kant e para além de um Hegel. Um antigo filosofar abre sempre perspectivas para um novo filosofar. É o caso que verificamos entre os escritos de Kant, Hegel e Weil.

\* Siglas usadas neste artigo.

DEC – *Philosophie et Réalité. Deniers essais et conférences I*;

LP – *Logique de la philosophie*.

\*\* Doutora em Filosofia pela Universidade Gregoriana – Roma. Professora Adjunto XII do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual do Ceará – UECE.

O filósofo é o indivíduo finito e razoável que visa compreender o infinito do discurso. Aqui existe certamente a herança kantiana. Não existe a filosofia, mas o filosofar, que é a vontade de tudo compreender, fundada numa decisão livre. E esta vontade leva a criação de um discurso sistemático e crítico sobre a ciência, a história e o todo da realidade. A filosofia quer ser uma interrogação sobre o sentido tanto na sua afirmação como na sua negação. E por isso ela é “eminentemente científica”, está para além do necessário e racional, uma vez que o racional é fundado na opção livre do homem e nem todo homem é filósofo. Todo ato humano tem lugar na filosofia, embora nem todos sejam racionais, porém devem ser compreensíveis, porque todos são interessantes.

De modo que a filosofia compreende todo modo de ser, de agir, de fazer e de falar. Ela é um sistema que inclui todas as possibilidades humanas. Sempre a fazer-se na história, não se contenta de respostas dadas e prontas no aqui e no agora, mas só se reconhece no aqui e agora para o homem enquanto homem, e não enquanto ídolo, santo ou Deus. Não existe filosofia do ponto de vista do perfeito.

A nossa realidade requer no momento, um discurso que compreenda a nossa situação de homens insatisfeitos, numa sociedade construída pela linguagem da ciência, da técnica, da luta pelo trabalho e de uma injustiça programada. É o sucesso que conta e o discurso verdadeiro será o da eficácia. Requer ainda um discurso que seja capaz de compreender todos esses discursos parciais e aponte para novas perspectivas e outros discursos. Nós precisamos da filosofia, porque o nosso mundo é ainda o da violência:

“O senhor havia esquecido a luta com a natureza exterior: nós esquecemos a luta com a natureza interior, e vencemos a natureza exterior só para destruir a interior.”<sup>1</sup>

Nesta nova proposta de compreender o sentido da ação do homem, e de dar uma resposta à nossa situação, formulamos uma Lógica da Filosofia, que através de uma relação dialética entre categorias e atitudes, tenta melhor explicitar o agir do homem tanto no seu aspecto teórico como prático. Daí resulta que a Lógica da Filosofia não é nada mais que uma análise das diversas formas de linguagem e de ação, enquanto expressão do comportamento e enquanto forma de expressão livremente escolhida pelo filósofo: “ela não é ontologia, é lógica, não do ser, mais do discurso na sua unidade”.<sup>2</sup> Estes discursos podem ser considerados também como as diversas filosofias que já se fizeram na História.

A estrutura da Lógica pode ser então fundamentada em três idéias chaves: os conceitos norteadores: categorias – atitudes; a dialeticidade das categorias e a idéia de retomada como fenómeno histórico. Estas idéias chaves têm como referencial o sistema hegeliano, que Weil tenta interrogá-lo, julgá-lo e superá-lo. Para Weil, Hegel informou o nosso tempo – porém não podemos parar no tempo, mas tentar levar à sério – como ele sempre mostrou – a história do nosso tempo.

Podemos acrescentar ainda que a espinha dorsal da Lógica da Filosofia, ou, melhor a idéia central, é a dualidade de *violência e discurso*, na esperança que o

---

<sup>1</sup> LP, p. 42.

<sup>2</sup> *Ibidem*, p. 69.

discurso transforme a própria violência, atingindo assim o contentamento razoável. Aqui dá-se exatamente a ultrapassagem de Hegel e o específico de Weil. É evidente que Hegel não ignora a violência, mas a desconhece enquanto *recusa do discurso* total e coerente, fruto de uma decisão com conhecimento de causa. Para Weil a questão do homem revoltado não é desprovida de sentido, o que implica por outro lado, dizer que o homem não é essencialmente discurso. O homem pode escolher a razão, como a não-razão. Só existe filosofia para mim, porque eu quero que haja filosofia. O problema agora é a oposição entre o discurso e a violência.

### 1 – Conceitos norteadores da lógica da Filosofia

Para analisar e compreender este discurso humano concreto a Lógica da Filosofia emprega dois conceitos fundamentais que são o itinerário compreensivo de toda obra: “a atitude e a categoria”.<sup>3</sup>

Por atitude, entende-se a maneira de viver de uma pessoa ou um grupo, levando em consideração todo o seu contexto histórico, isto é, o seu tempo, o seu espaço, a sua cultura, os valores, as coisas, ou seja o sentido do seu mundo material e espiritual. Todo esse conjunto de variantes e pré-compreensões forma no homem uma determinada maneira de ser, o que justifica a igualdade e a diferença das pessoas, dos povos e das culturas.

De maneira geral o homem não é consciente de sua atitude, ele a vive. Tudo que é natural não tem necessidade de ser pensado. Antes do homem ser consciente da necessidade de falar e de agir, ele fala e age. Esta atitude não é necessariamente consciente, porém realizada. Ela não põe o problema da origem do sentido, entretanto, mostra-o e o exprime na ação, isto é nos fatos e nas coisas. Exprime também nos seus sentimentos e em suas palavras, as vezes sem o compreender. Porém, quando quer compreender o que faz e o que foi feito, volta-se para a vida e tenta traduzi-la em um discurso coerente, que seja válido para todo homem que pensa. O pensado afasta-se da vida, formula o seu discurso, onde tudo é desenvolvido e explicado claramente:

“Uma vez efetuada esta tomada de consciência, o discurso agiu sobre ele mesmo: o homem que compreendeu o que ele faz, não é mais o homem que a fez e sua tomada de consciência é ao mesmo tempo a percepção de sua atitude e de sua libertação.”

Tomando consciência de sua atitude, ele pratica um ato revolucionário na medida em que agora a compreende e a domina. Há agora uma separação entre o sujeito e o objeto, ou melhor a atitude é o outro que deve ser pensado e questionado. O pensador descobriu o significado do mundo vivido pela atitude.

Todas as atitudes humanas são compreensíveis, embora nem todas tenham a mesma importância para o discurso e nem todas sejam interessantes. É justo dirigir-se para aquelas que produzem discursos coerentes, mas é necessário também compreender qualquer atitude humana legítima, uma vez que não existe nada que possa estar fora do comportamento humano, desde que tudo é acessível ao discurso. Todo homem não é filósofo, mas a filosofia é histórica. O discurso é apenas

<sup>3</sup> LP, pp. 70 - 71.

uma das possibilidades do homem e que a violência representa um momento essencial de toda atitude e que deve ser percebida pelo discurso, para que o discurso se compreenda como discurso do homem.

O homem em todas as suas atitudes, quer sejam responsáveis ou irresponsáveis, sadias ou doentes, apresenta sempre um lado compreensivo para quem quer compreender. Mesmo aquele que renunciou ao discurso, que escolheu o discurso incoerente, não me é inacessível “ainda aquele que optou pela violência ele pode somente matar-me, não me pode impedir de o ver e de o compreender na sua violência e no seu silêncio”.<sup>4</sup>

A atitude pura, enquanto atitude, não se distingue das demais atitudes. Sua diferença consiste na percepção do essencial do seu mundo. Ela percebe “o essencial do seu mundo como conceito”,<sup>5</sup> isto é como categoria. Por exemplo: a ação é uma categoria na qual o mundo se compreende, ela torna-se o essencial de uma determinada atitude. Portanto a atitude pura é definida somente em relação ao discurso filosófico. A categoria não somente exprime uma atitude, mas a define. É através da categoria que se compreende a atitude pura e por meio desta, compreende-se as atitudes impuras que são as realmente vividas na história, como também os discursos incoerentes frutos destas mesmas atitudes. Acontece também que muitas vezes a atitude exprime-se de uma maneira inadequada, num discurso incoerente, incapaz de mostrar o essencial para o homem desta atitude.

Cada categoria subentende uma atitude. Tudo se organiza, se explica e ganha sentido através da categoria. A categoria passa a ser a explicação coerente de tudo aquilo que os homens fazem na História ao assumirem uma determinada atitude. Categoria deve ser entendida aqui, como categoria filosófica e nunca como categoria metafísica. E. Weil insiste sobre esta diferença, na medida em que é esta diferença, que determina e justifica a sua lógica da filosofia. As categorias sobre as quais se pensa comumente, sobre a base de uma tradição que vai de Aristóteles a Hegel ou além de Hegel, são categorias metafísicas, isto é, elaboradas da metafísica, mas a uso das ciências particulares. A lógica da filosofia fará uso de categorias filosóficas, não puramente lógicas, mas que exprimem comportamentos humanos. Não se ocupará, por exemplo de qualidade, quantidade, medida [...] mas de certeza, de discussão, de ação, de personalidade [...].<sup>6</sup> Enquanto as categorias filosóficas têm a sua finalidade em si mesmo; as categorias metafísicas são funcionais, isto é, meios para se elaborar um conhecimento científico. São categorias do ser e não do discurso.

É a categoria que determina a pureza e a irredutibilidade da atitude, mas é a atitude que produz a categoria. Atitude para o homem na vida, categoria para o filósofo. Este binômio atitude-categoria é que permite compreender o homem e do homem se compreender. A partir deste binômio todas as atitudes abrem-se à compreensão, não somente as qualificadas de puras, mas ainda as atitudes incoerentes. Todas elas revelam o sentido da História para aquele que decidiu compre-

<sup>4</sup> LP, p. 71.

<sup>5</sup> *Ibidem*.

<sup>6</sup> A respeito da diferença entre categorias metafísicas e categorias lógicas veja a nota do cap. VI da *Lógica da Filosofia*, p. 146-147.

ender o sentido da história, embora historicamente a atitude tenha primazia, mas é a categoria que tem primazia para a filosofia. Daí se deduz a idéia de uma lógica da filosofia como a “sucessão dos discursos coerentes do homem”,<sup>7</sup> discursos nos quais ele compreende todas as atitudes e todas elas se compreendem.

## 2 – A dialeticidade das categorias – atitudes

Explicitada as duas noções fundamentais que regem o itinerário metodológico da Lógica da Filosofia poder-se-ia perguntar como estas categorias se organizam, isto é, sua ordem e sua posição.

Ao início já se coloca como prejuízo e ilegítima a pergunta pela ordem e dedução das categorias. Porque “uma dedução só se compreende a partir de um essencial reconhecido como tal”.<sup>8</sup> Onde estaria este essencial?

Na Lógica da Filosofia não se define nem uma nova categoria e muito menos uma nova atitude. Ela é a tomada de consciência de si mesmo. Compreende todos os discursos como possibilidade para o homem expressar o que ele faz. Todos formam a totalidade circular da Lógica na qual qualquer discurso tem a sua interpretação e sua razão de ser. Nada existe fora deste círculo hermenêutico, e além do mais, a conotação de circularidade é a possibilidade de se começar de qualquer categoria. Cada categoria pode por sua vez ser um ponto de partida, ou de chegada, ou ainda ser uma mediação; como também a atitude pode passar de uma outra mantendo sempre a racionalidade que lhe é própria. A passagem é livre. Cada atitude se basta a si mesma. Esta não encontra a contradição no seu discurso. A contradição pode dar-se entre o discurso e a realidade quando ela muda de atitude. A ordem das categorias não poderá vir de um princípio exterior ao discurso que se compreende a si mesmo, de um discurso preliminar, ele nasce da *sucessão das atitudes que são renegadas uma após outra. Uma atitude pode recusar absolutamente as outras, como também pode muito bem compreendê-las. Poder-se-ia então dizer que é a atitude que determina a ordem das categorias que formam o discurso. Trata-se também de compreender como aquilo que era implicitamente reconhecido na atitude chega à luz da consciência da atitude por meio da categoria. Uma atitude de violência se sente violenta, mas não se sabe violenta, invocando muitas vezes idéias de civilização. Além do mais, a sucessão das categorias não exige necessariamente a sucessão cronológica dos fatos. O que nos interessa é o ponto de vista lógico e não histórico. Cada categoria é a explicitação discursiva de uma atitude e uma atitude é concretizada num fato histórico. Por exemplo: a discussão na sofística e em Sócrates, a consciência em Kant, a ação em Marx. Porém a sucessão das categorias não exige necessariamente a sucessão cronológica dos fatos: “Toda atitude pura anuncia-se numa categoria desenvolvida, mas toda atitude se reencontra a todo momento na história, portanto depois de ter sido desenvolvida e após ter sido ultrapassada”.<sup>9</sup>*

---

<sup>7</sup> LP, p. 72.

<sup>8</sup> LP, p. 72.

<sup>9</sup> LP, p. 73-74.

A lógica da filosofia não nega que “a violência está na origem de todo discurso que se quer coerente”<sup>10</sup> e que, portanto, o homem forma seu discurso na violência contra a violência, porém todo discurso que nasce na história visa ao desaparecimento definitivo da violência e é esta dialética que produz a filosofia. Esta violência deve ser descartada para sempre a fim de que o discurso do homem compreenda-se como um discurso eterno, isto é, como um discurso que visa à presença, o contentamento na e pela razão, a fim de que se acabe na história o reino da violência. Com efeito, a “eternidade da presença não é uma idéia inventada: ela está no fundo e no término de todo discurso humano”.<sup>11</sup> Portanto esta presença existe na história a qual não condicionará mais o homem. É na história que o homem elabora seus discursos eternos, na condição em que ele fale desta atitude incondicionada. Assim como o discurso histórico sobre o homem fala do homem eterno, da mesma maneira todo discurso sobre o eterno do homem se torna essencialmente um discurso histórico. Daí se deduz que esta eternidade não cai do céu, mas tem sua fonte na historicidade do homem.

Assim cada discurso pretende captar o homem todo com o seu passado e o seu presente, usando ainda as mesmas categorias do passado. Ele protesta contra as condições encontradas por ele no interior deste mundo. Porém não protesta contra as condições do seu mundo e do seu discurso. E neste retrocesso crítico de passado e de presente, numa sucessão de protestos a este mundo, a este discurso, é que se manifestará o processo indefinido da história. De maneira que como bem afirma Caillois:

“a tradição unicamente dá um sentido à revolução, ninguém não pode ignorar o discurso tradicional, ele não aparece contingente e a gente não pode o recusar para melhor pensar; o recusar é precisamente o ato de pensar. Ser polêmico é uma necessidade interna a todo discurso.”<sup>12</sup>

Ao definir a Lógica da Filosofia como “o *logos* do discurso eterno na sua historicidade”,<sup>13</sup> Weil supera todas as outras demais lógicas formuladas na história. A lógica passa a ser então a compreensão do homem, enquanto liberdade e condição. Isto significa que o Logos compreende os diferentes discursos coerentes que se querem coerentes e eternos, visando à essência do homem e do mundo. Uma eternidade que se faz no tempo e que está presente no logos final. Todos os discursos que se fazem na história já estão presentes na eternidade. Em síntese, ela é “o *logos* que se reflete no fato e o fato que se reflete no *logos*”,<sup>14</sup> ambos humanos e sabendo-se humanos. O fato torna-se inteligível no logos onde ele se reflete. O logos é completamente compreendido no fato compreendido como humano, onde ele se encarna e se temporaliza.

Isto tudo confirma que filosofia e história são idênticas, sendo feitas e pensadas pelo mesmo homem. “É o mesmo homem na unidade de suas oposições.”<sup>15</sup>

<sup>10</sup> LP, p. 75.

<sup>11</sup> LP, p. 75.

<sup>12</sup> R. Caillois. “Attitudes et catégories selon Eric Weil”, in *Revue du Métaphysique et de Morale* 58(1953): 273-291.

<sup>13</sup> LP, p. 77.

<sup>14</sup> LP, p. 77.

<sup>15</sup> LP, p. 77.

Porém esta identidade só existe para o filósofo e não para o homem na sua existência concreta. Este julga o discurso que se quer coerente e o homem quer compreender o que é, e o que ele é, como um covarde ou um traidor que deve ser eliminado, “mas não um homem no sentido pleno da palavra”.<sup>16</sup> Este joga com as palavras e foge à realidade. Estas palavras devem ser compreendidas pelo filósofo e transformadas em discurso, para que o *essencial* desconhecido pelo homem preso à vida possa e deva ser revelado.

O filósofo não deve tratar o não filósofo como não homem ou como inimigo, ele deve compreender a linguagem daquele que não quer a coerência, mas quer exprimir aquilo que sente. O homem é para a filosofia, e toda expressão do homem pode ser compreendida nas categorias do discurso, até quando estas expressões se desejam fora do discurso, fora da coerência e fora mesmo da linguagem. Toda linguagem que exprime o sentimento do homem deve ser interpretada pelo filósofo.

É necessário que a filosofia, sob pena de falsificar a natureza do seu objeto, não esqueça que aquele que ela compreende assim, ele mesmo não se compreende dessa maneira, o que justifica a dizer que na: “ação histórica o homem não se compreende como filósofo, mas a filosofia se compreende como histórica, como nascida da violência, da necessidade, da condição, que ela é para ela mesma a liberação consciente do homem da condição”.<sup>17</sup>

A filosofia tem a sua razão de ser no seu outro, isto é, na violência, na condição. Aquilo que parecia natural, por exemplo, a escravidão para o mestre e o escravo, é revelada como cadeia e a partir de então deve ser suprimida.

Para o filósofo, é legítimo que o homem na ação, ignore o discurso implícito que o forma e o guia, e que ele homem de ação, não é consciente de ter formado. Eis por que o homem de ação é *materialista*, sua ação está a nível das coisas, enquanto o filósofo é *idealista* no sentido em que a revelação do discurso é o essencial para ele: ele fala e pensa. Certo que o mundo não é feito para ser pensado, mas o mundo é o que é pensado. Portanto este idealismo e este materialismo são verdadeiros, enquanto unidade, porém falsos enquanto separados. Certas atitudes optam por uma ou outra. A atitude pode ser sempre traduzida em discurso e o discurso em atitude, são dois aspectos de uma mesma realidade humana.

Diante desse argumento justifica-se a filosofia “não só como opção para o homem, mas tecnicamente possível”.<sup>18</sup> É o mundo material que gera a filosofia e aqui mais uma vez está a condição de possibilidade, sempre atual e necessária, uma vez que o homem mais e mais torna-se materialista. Quanto mais o homem progride na satisfação das suas necessidades, mais necessário a presença da filosofia. Toda a filosofia nasce da ação humana e toda ação humana só recebe seu sentido no discurso filosófico.<sup>19</sup>

As categorias pensam as atitudes que se manifestam na história e por isso estas são anteriores às categorias. Porém para a filosofia são as categorias que

---

<sup>16</sup> LP, p. 77.

<sup>17</sup> LP, p. 78.

<sup>18</sup> LP, p. 78.

<sup>19</sup> LP, p. 78.

descobrem as atitudes. O lógico só se preocupa com as atitudes enquanto estas revelam as categorias. Estas só dizem respeito ao pensamento e não à história. O homem histórico não é preocupado com a pureza lógica da sua atitude e do seu discurso. "Esta pureza só tem importância a partir do momento onde o homem quer compreender e se compreender totalmente."<sup>20</sup> O discurso é portanto essencial só para quem é consciente de ser esta uma das possibilidades do homem. Tudo isto tem lugar na Lógica da filosofia, uma vez que esta é o discurso histórico na sua totalidade e não somente o seu discurso. Significa que deve compreender os demais discursos segundo os seus critérios e não segundo o seu próprio critério. O que é essencial para um determinado discurso certamente não o é para o outro. O homem da técnica não pode ser considerado incapaz de perceber o sentido da técnica, acontece é que ele não se preocupa com esse tipo de discurso. Tudo gira em torno daquilo que é essencial para o discurso. Daí se deduz a possibilidade de tantos discursos a respeito de tantos *essenciais*.

É evidente que estes discursos diferentes estão compreendidos na Lógica da filosofia, como outra maneira de falar, de agir e de ser. Porém uma outra pergunta se impõe. Basta somente reconhecer estes outros discursos? Quais são as consequências destes discursos que não querem perceber o sentido dos fatos, mas somente lhes interessam o fato em si? Qual ética subjaz a respeito desses discursos? Por exemplo o discurso da economia, da política, giram em torno de qual *essencial*? O que é essencial para a política hoje? o mesmo se diga da economia e até mesmo para a filosofia? É claro que cada discurso tem o seu *essencial* e devemos respeitar a todos, porém cabe-nos julgar somente se estes essenciais têm como o fim o *reino da liberdade* tão proclamado por um Kant e por um Hegel, isto é, o homem visto na sua realização plena e não apenas mutilado e explorado pelo jogo dos interesses ideológicos frutos de tantos discursos artificiais. Cabe então a filosofia perguntar por que esta infinidade de discursos e qual a origem destes mesmos discursos.<sup>21</sup>

A realidade é totalmente compreensível pelo conjunto das categorias, "mas ela não segue o esquema da ordem das categorias".<sup>22</sup> Há a continuidade de atos livres, atos de ruptura e de negação pelos quais o homem passa de uma atitude a outra, sem que jamais a passagem seja exigida pela anterior. Com efeito, uma atitude pode ser ultrapassada, mas somente por uma escolha livre, por um ato que não se justifica no discurso da atitude anterior, daquele mundo que ele recusa e para o qual ele é incompreensível e que receberá um sentido somente a partir da sua própria categoria, na sua legitimidade relativa, aquela que ela ultrapassou. É de importância que a lógica organize a experiência, mas não a crie. Só pode retrair uma seqüência de atos que são compreensíveis apenas depois de terem sido realizados.

A passagem de uma atitude a outra, implica também um ato de violência com o mundo que ela rompe, porque esta atitude ou este mundo não o satisfaz mais e não lhe comunica mais nada, sendo portanto impossível de formular e de produzir

---

<sup>20</sup> LP, p. 79.

<sup>21</sup> LP, p. 79.

<sup>22</sup> LP, p. 80.



um discurso. Enquanto que a passagem de uma categoria a outra só se compreende a partir da segunda categoria e só se torna necessária depois do aparecimento da nova categoria, pois é esta que mostrará as suas limitações.

Esta possibilidade de passagem de uma atitude a outra ou de uma categoria a outra é que mostrará que a "história é por sua vez circular e linear".<sup>23</sup> É circular no sentido que as mesmas atitudes e as mesmas categorias são repetidas em todo discurso, isto é, como condição de compreensão das novas categorias. É esta certeza que nos permite de compreender o nosso passado. Se tudo fosse novo qual seria o ponto de ligação com o passado? Certo que elas podem mudar de nome, mas o conteúdo é o mesmo enriquecido. É linear, na medida em que o homem agindo no tempo, passa a se compreender e assume como sua as ações do passado, porque só através das realizações é que as possibilidades do homem se mostram a ele. Esta revelação é portanto necessariamente posterior à atitude que realizou uma ação histórica pela qual mudou o mundo. A compreensão vem depois da ação. Só agindo o homem vai se eternizando no tempo e sempre em progresso, porque nenhuma categoria lhe é definitiva, o que supõe sempre uma atitude de mudança. É esta insatisfação em relação à sua antiga atitude que o motivará a tomar uma nova atitude e conseqüentemente a formular também uma nova categoria. É este progresso que revelará ao homem o que ele é: "o ser eterno, tornado compreensível e realmente compreendido no tempo pleno da ação".<sup>24</sup> Cada categoria é a compreensão discursiva de um fato histórico. O conceito de *reprise* explicita o movimento de circularidade e de linearidade da História. Em que sentido? No início de um novo fenômeno histórico, isto é, de uma nova época, este fenômeno não se apresenta logo na sua pureza categorial, mas esforça-se de exprimir-se ainda com a ajuda das velhas categorias, as quais são adaptadas à nova posição. O sujeito provocador desta nova situação procurará justificar sua decisão e também fazer que os outros o compreendam, mas sempre a partir das antigas categorias. Emprega todos os meios que o discurso de sua comunidade histórica coloca a sua disposição para defender o que ele olha como o seu interesse:

"Ao início de uma nova época - no momento onde o novo interesse, querendo destruir o mundo envelhecido, organiza um mundo novo, é a antiga categoria que capta a nova atitude e fala da nova categoria, e falando dela, a esconde também e a falsifica."<sup>25</sup>

A sua ação já supera o seu discurso, porém, a nova atitude ainda é percebida pela antiga categoria. É uma categoria que de fato já é ultrapassada na presente atitude. Ela fala da nova atitude, mas ao mesmo tempo a dissimula sob uma linguagem tradicional, a qual ela compreende e está ao seu alcance. De maneira que todo o trabalho de uma lógica aplicada da filosofia consiste na compreensão destas *reprises* das antigas categorias que formam a linguagem e os discursos dos homens. Permite ainda a compreensão dos discursos mantidos pelos homens do passado e do presente.

---

<sup>23</sup> LP, p. 80.

<sup>24</sup> LP, p. 81.

<sup>25</sup> LP, p. 82.

O conceito de *reprise* nos possibilita de ver ainda a continuidade e a descontinuidade da história percebendo o seu sentido e o seu conteúdo. O sentido está na coerência e o conteúdo na violência. É a *reprise* que torna a categoria aplicável à realidade e que permite assim realizar concretamente a unidade da filosofia e da história. Isto é, mostra como uma categoria pode assumir uma realidade e como a realidade pode ser elevada à nível de categoria, isto é, de pensamento. Pois só através do pensamento encarnado na realidade, que podemos iniciar o processo de compreensão, ou melhor ainda, o discurso unitário pressupõe uma realidade histórica a qual ele pode expressar.

A passagem de uma categoria a outra aparece ao lógico da filosofia como uma exigência no sentido que a nova categoria recompreenda e supere a categoria precedente, como as demais precedentes. Mas esta exigência é puramente formal, na realidade cada atitude é pura e produz uma categoria pura, isto é, um discurso coerente. Porém o superamento de uma atitude é mediante uma escolha livre. O grande homem é aquele que superou uma atitude e o filósofo aquele que soube que a atitude foi ultrapassada. Esta afirmação nos faz lembrar certas atitudes provindas dos fatos importantes da história que mais tarde foram elevadas ao conceito. Além do mais sempre uma nova atitude se faz presente. A história é que impulsiona o pensador a mudar de categorias.<sup>26</sup>

A lógica da filosofia tem por tarefa justificar o desenvolvimento dos seus conceitos, como vimos nas páginas anteriores. Porém existe um argumento que mesmo antes de ser justificado parece ir contra a tarefa da lógica da filosofia: “Todo discurso coerente é o fim da História que a ele conduziu”.<sup>27</sup> Esta conclusão não parece ir de encontro a tudo que afirmamos antes? Porém admitamos esta hipótese que a lógica da filosofia seja possível somente no fim da história. Mas que história? Na história que é a sua. Dito de outra forma, ela só é possível a partir do momento onde a violência é vista na sua pureza, e por conseguinte, a vontade de coerência como decisão violenta do homem contra a violência natural é compreendida como o centro do mundo, no qual esta decisão é tomada. Em suma, seria a passagem violenta da violência à coerência. Enquanto existir a violência é sinal que a história ainda não chegou ao seu fim, uma vez que neste sentido os homens podem sempre recorrer a ela, e a decisão à coerência pode ser esquecida, recusada, não mais compreendida como possibilidade concreta do homem. A filosofia, confirma Éric Weil: “é eterna porque procura sempre a mesma coisa: a compreensão – e é histórica – porque o que importa não é o que ela encontra, mas o caminho pelo qual ela o encontra, de que parte toma seu ponto de partida.”<sup>28</sup>

O caminho que o homem toma para chegar à coerência é sempre o caminho da *condição*, da liberdade condicionada. Neste sentido todo sistema é verdadeiro e

---

<sup>26</sup> R. Callois nos alerta para uma diferença entre “reprise” e ideologia. Enquanto “reprise” é a atitude nova captada pela antiga categoria; a ideologia é a posse de uma categoria mais avançada por uma atitude. Esta justifica um fato por um ideal que oculta a realidade em proveito de uma visão errada, ela não é guiada pela sabedoria, mas pelo desejo de idéias – forças. Por ex. o fascismo. R. CAILLOIS, “Attitudes et catégories selon Eric Weil” in *Revue du Métaphisique et de Morale*, 58 (1953):286.

<sup>27</sup> LP, p. 83.

<sup>28</sup> LP, p. 84.

ultrapassado. Verdadeiro, enquanto uma determinada coerência é atingida nele, não importa a que momento da história o indivíduo pode se contentar desta coerência que decorre da sua elaboração, isto é, assumindo o seu mundo sob uma determinada categoria. Ultrapassado, porque uma vez revelada a sua categoria, ela aparece como uma condição, aparece como um outro do homem contra o qual ele pode sempre se revoltar.

O mesmo pode ser aplicado à Lógica da filosofia, só que há uma diferença que esta compreende até mesmo essa possibilidade de ser negada e compreendida, e para ela estas duas possibilidades são legítimas. É sistemática, porém diferente dos demais discursos sistemáticos tradicionais:

“ela seria bem o fim da história, da mesma maneira que todo sistema é o fim da história, que aqui é a história da filosofia ou (pois a filosofia não tem história, só o homem a tem), o fim da busca do contentamento pelo discurso.”<sup>29</sup>

O homem que passou pela lógica não seria mais filósofo, sem contudo menosprezar a filosofia, porque teria alcançado todo contentamento que ele poderia esperar do discurso. Ele não seria mais filósofo porque compreendeu:

“a filosofia à partir da verdade e da violência e compreendeu que a verdade é o fim e o início da filosofia. Não se trata mais de compreender como chegar ao universal ou como entrar na verdade, na presença. Ele já se encontra na verdade, na medida em que ele quer ser razoável e ele o é.”<sup>30</sup>

A filosofia não é tudo. Não esgota a história e nem supera as demais possibilidades da linguagem humana. Há outras maneiras de manifestar-se além do discurso. O homem deve ser livre de exprimir-se, sem contudo revoltar-se contra a filosofia.

Ora é evidente que a História não está acabada e que o nosso mundo não é ainda o da universalidade realizada. Nós vivemos no mundo ainda da violência contra a natureza e contra a sociedade. Nós lutamos tremendamente contra a natureza, seja por motivos justos através do trabalho reconhecido, ou seja por motivos nocivos que destroem a própria natureza em nome de um *progresso* totalmente desvinculado dos seus fins éticos. Lutamos contra uma sociedade, que infelizmente deixou-se guiar pelos interesses econômicos, marcada por um mercado mundial que visa dia a dia a separação dos continentes e a destruição da maior parte da humanidade. A nossa filosofia e a nossa história é ainda de transição para uma outra época. Só o contentamento pelo discurso não satisfaria a realidade.

No mundo da universalidade realizada a única luta possível é a do indivíduo contra o indivíduo, no sentido de uma luta coerente, onde cada discurso particular tem o seu lugar e cada individualidade é reconhecida pelo outro. Eu tenho o direito de manter-me na minha individualidade sem o perigo de ser tratado como louco ou irracional, é apenas uma disputa de sentimento contra sentimentos diversos, no sentido de um enriquecimento de um outro ao outro. A violência aqui já seria superada e a razão efetivada.

Se a filosofia não pode garantir de fato que esse mundo é possível:

---

<sup>29</sup> LP, p. 84.

<sup>30</sup> LP, p. 84-85.

“pode contudo afirmar que a Verdade é. Pode mostrar ainda que as categorias se revelaram na sua totalidade, a partir da categoria da categoria, a partir do centro que organiza todo o discurso. É o sentido que se mostra a ela e nela, compreendendo o homem na filosofia e a filosofia no homem, porque compreende a coerência na violência e a violência no discurso.”<sup>31</sup>

Deduz-se, então, dizer que filosofia e história constituem a estrutura da Lógica da filosofia. Porém como é possível realizar na Lógica esta unidade? Através desta relação dialética de categorias e atitudes, seja do passado como do presente. A filosofia é então a história compreendida, e esta só pode ser percebida através de um discurso sistemático na pretensão de ver a história tal como é, isto é, no seu progresso como na sua circularidade. Poder-se-ia perguntar então – quais as atitudes atuais que merecem serem elevadas a um discurso coerente? Qual o discurso apropriado para o mundo em que vivemos? Quais os momentos históricos hoje que obrigam o homem a questionar-se e a compreender-se, motivando o filósofo a construir uma nova lógica?

### 3 – A sistemática da Lógica da Filosofia

Na concretização da idéia da lógica da filosofia nos defrontaremos ainda com os problemas mais polêmicos do pensamento weiliano quer seja no compreensão global do seu sistema que se nos apresenta repleto de subtilezas quer seja no seu confronto com os demais sistemas que se fizeram na história, principalmente o sistema hegeliano.

O sistema de Weil pretende ser uma retomada de toda a história da filosofia para além de Hegel e a sua proposta é exatamente acrescentar este além comprovando assim que o ato de filosofar é sempre um desafio para quem quer compreender a contemporaneidade solidificada na tradição. Porém esta realidade passada presente e projetada no futuro só poderá ser captada por um sistema tecido pelo pensamento dialético, uma vez que só este é capaz de recuperar todas as experiências da civilização ocidental, de fazer revelar a sua razão de ser, de recompor a continuidade provocada pelas rupturas aí presentes e mostrar também a sua descontinuidade no avanço da racionalidade.

A nossa tentativa de visualizar genericamente a seqüência das categorias, não é simplesmente repetir o discurso weiliano, mas dar a visão do todo destacando o início e o término, também os vários graus de compreensão a fim de que mais adiante possamos problematizar aquelas categorias que dizem respeito à nossa pesquisa como também constituem os pontos nevrálgicos do discurso de acordo com os vários estudiosos de Weil, ou seja a passagem da *verdade* ao *discurso*, do *absoluto* à *ação* e da *ação* ao *sentido* onde se encontram as aporias e as rupturas.

De acordo com o nosso interesse de interpretação dividiremos as categorias em vários blocos a fim de obtermos idéias norteadoras para a primeira compreensão imanente ao discurso de Weil. O que nos permite formar um pequeno sistema mais compreensivo e igualmente coerente. Poderemos agrupar da seguinte ma-

---

<sup>31</sup> LP, p. 85.

neira: as categorias do falar; a categoria do compreender; as categorias do fazer; a categoria da unidade e as categorias da “coerência”.

O sistema nos oferece categorias e “métodos” para analisar a experiência humana nas suas modalidades de falar, de pensar e de agir, isto é, na sua ordem de compreensão como na sua ordem de ação, apelando sempre para uma coerência entre o falar, o pensar e o agir.

A lógica da filosofia é o sistema de Weil, sistema total no qual e sobre o qual se fundam os sistemas especiais: a filosofia moral e a filosofia política. É a universalidade nas suas determinações. Estas não são exteriores à lógica da filosofia a qual elas conduzem e na qual elas se compreendem. Seus discursos são fundados sobre as categorias filosóficas da consciência e da ação, tematizadas no seio do sistema. Daí resulta que a lógica da filosofia é o sistema que reflete até os seus próprios fundamentos, ou seja a escolha do discurso ou a recusa da violência, provando que ela não pode impedir à ninguém de fazer a sua escolha, uma vez que esta é fundada sobre a divisão da liberdade à filosofia.

A lógica da filosofia põe o mesmo problema dos demais sistemas particulares, porém de uma maneira especulativa e sistemática: trata-se da afirmação e negação do sentido no discurso total. Ela diz o todo do discurso e se diz ela mesma. Porém por um lado esta idéia de sistema é refutada por alguns que se deixaram influenciar pelas ondas do irracionalismo, muito próprio da nossa modernidade, chegando numa confusão de idéias a identificar a idéia de sistema com a idéia de totalitarismo. Esta idéia de sistema comparado com totalitarismo não ataca nem o sistema de Weil e nem o sistema de Hegel, a não ser que se desconheça o sentido exato das categorias confundindo entendimento com razão e a parte com o todo. Só a confusão destas idéias permite confundir a filosofia da totalidade com totalitarismo ou seja com a violência. Talvez esse foi o motivo como bem recorda Kirscher, que a filosofia de Weil não se tornou uma filosofia de moda.<sup>32</sup> Mas por outro lado todo o valor de Weil é exatamente recuperar a idéia de sistema no sentido da articulação ordenada do pensamento sem a qual não há leitura coerente da realidade e a filosofia se esvai em gratuitos jogos de linguagem.

Trata-se agora de uma análise concreta da idéia da lógica da filosofia na sua forma sistemática ou seja na sua doutrina. Dessa afirmação não temos dúvida, uma vez que o próprio Weil a mostra claramente quando afirma que se a Lógica da filosofia não pode garantir a existência de fato do mundo, pode pelo menos afirmar que a verdade é, como anteriormente já mostramos. Poder-se-ia ainda acrescentar que agora inicia-se a filosofia enquanto à primeira parte à nível de reflexão seria o início do filosofar por revelar que a decisão do filosofar é um ato livre. O início da filosofia nos permite começar de qualquer categoria uma vez que partindo de uma chegaremos a todas, pois cada uma é o autoproduzir-se do todo que é a verdade.

Se o discurso é um, todas as categorias são válidas, porque de cada uma entre elas se poderá chegar a todas as outras: a única questão é de saber qual sentido se percorrerá o ciclo das categorias.

---

<sup>32</sup> A respeito da refutação da idéia de sistema como totalitarismo veja a explicação de Kirscher no seu artigo “Sistematicità e apertura del discorso filosofico in Eric Weil, *differenze* 13/ 1989 p, 122 – 123.

A lógica da filosofia apresenta-se como a lógica do discurso humano concreto, isto é, dos discursos, cujos conteúdos são provindos da história. Ela não põe mais a verdade como objeto de pesquisa mas constata simplesmente – o que a diferença dos discursos anteriores que tinham como objeto a busca da verdade. Enquanto a lógica formal é total abstração do conteúdo de toda a riqueza da vida, o que importa a Weil é o conteúdo, ou seja na sua própria expressão a “atitude” quer dizer a maneira do homem se relacionar com o mundo e de se orientar no mundo. A lógica da filosofia se propõe apossar-se do rico conteúdo da vida humana, mostrando-o não segundo a ordem histórica de sua aparição, mas segundo a ordem lógica de sua compreensão. Ela é o formal do discurso que reconcilia o formal da linguagem e o conteúdo da vida.

O sistema de Weil pretende superar os diversos sistemas que se fizeram na história da filosofia particularmente o sistema hegeliano na sua expressão de saber absoluto. Porém aqui há um problema. Enquanto o saber absoluto constitui o término do sistema hegeliano que compreende em si tudo; para Weil o absoluto constitui uma categoria que pode e deve ser superada por outras, sendo ela portanto não o fim mas uma mediação, o que confirma em parte a afirmação de Weil em dizer “que o sistema hegeliano não é nada mais que uma ilustração, ou melhor uma realização da categoria do absoluto” (LP, p. 340). Porém esta ultrapassagem não nega a herança hegeliana presente em Weil como ele mesmo o afirma: filosofar hoje significa “repensar Hegel”, fazer nossa, para refutar em seguida se for necessário, a vontade filosófica que entende constituir a filosofia como saber absoluto. Hegel “marca um fim de uma época do pensamento ocidental” e uma nova filosofia só pode haver lugar somente a partir daquele fim. Weil precisa qual seja exatamente o ponto de partida: “para nós, é a sua idéia filosófica de sistema que importa e a conclusão que ele tirou que: ‘não há introdução à filosofia’”. (PR, p. 103).

Para Hegel tudo está contido no discurso filosófico. Tudo é compreendido. A filosofia mostra-se como a compreensão de tudo e de si. E é exatamente esta idéia que Weil compreendeu e tenta agora dar um novo sentido, não no seu aspecto ontológico, mas na idéia da filosofia como sistema. O sistema não é limitado somente como ciência do ser ou do espírito, mas também para uma ciência do sentido (LP, p. 418).

O discurso filosófico é portanto sistemático e a sua sistematicidade deriva da mediação de todos os discursos em um discurso que se compreende como discurso das estruturas formais da compreensão, como discurso daquilo que Weil chama a categoria formal do sentido ou a categoria do sentido formal.

Em que nível se dá propriamente esta sistematicidade das diversas categorias? Cada uma aparece como uma determinação da efetivação da idéia de liberdade, que se pode concretizar numa relação ao discurso (absoluto), numa recusa ao discurso ou numa redução ao discurso. Cada uma é um momento concreto do sentido formal que por sua vez tem a função de as ordenar nos seus respectivos sentidos particulares, assegurando o intercâmbio dos diversos discursos, sem portanto reduzi-los. Na relação das categorias cada uma se mantém na sua particularidade, recusando aquela que lhe parece insuficiente. Não há uma continuidade

de necessária e suficiente por causa do ato livre que é implícito em cada passo e em cada início.

Neste processo lógico do caminhar para a concretização da ação razoável em detrimento do outro: a violência, há uma tomada de consciência gradativa, partindo assim de velhas categorias-attitudes para novas categorias numa seqüência de forma espiral obedecendo assim aos critérios de linearidade e circularidade exigidos para uma leitura de qualquer sistema dialético. O critério da sucessão lógica e o critério da circularidade é que nos permite determinar o início e o fim e consequentemente o retorno do término ao início, uma vez que todo fim já está contido no início embora não tenhamos consciência ainda, pois a consciência só se dá depois do percurso feito (LP, p. 435-442).

O percurso filosófico total iniciou-se pela afirmação pura e simples do sentido da verdade e tem progredido pondo a questão do sentido de todo sistema dentro do discurso total. Cada uma compreende um discurso determinado no interior da amplidão do discurso total. Todas as categorias são mediatizadas pelo ciclo da compreensão que embora certas passagens exijam mais esforço de compreensão que outras, o que também possibilita a divisão e a formação do sistema em vários blocos na sucessão das categorias de acordo com a sua natureza. Alguns podem prenderem-se à determinadas categorias-attitudes que lhes parecem serem mais coerentes. Porém a passagem mais difícil e interessante seria a passagem da categoria do *absoluto* a *obra*, da *ação* ao *sentido* por ser realmente a originalidade do sistema weiliano na tentativa de superar o sistema de Hegel como veremos mais adiante.

Antes de tratar de cada uma das categorias é necessário ter uma visão geral das articulações inteligíveis aqui vigentes. De antemão, não se trata de uma classificação exterior, uma distinção empírica das categorias, mas de uma diferenciação imanente ao próprio conceito, ou seja, do movimento lógico. Há um progresso imanente, mas que não deixa de produzir suas determinações. Daí porque no percurso desta análise o mais concreto torna-se o último na seqüência temporal e o primeiro na seqüência lógica, como também o mais imediato torna-se o último na seqüência temporal. Cada momento vai se concretizando na medida em que solidifica o momento passado e a partir daí avança para outro momento cujo fundamento está na anterior. Pode-se dizer então que um momento é a figuração do fundamento de um outro momento que por analogia pode-se chamar causa efeito.

Considerando as características do sistema o nosso objetivo em seguida é dar o movimento geral das diversas categorias-attitudes na sua ordem sucessiva e relacional subdividindo-as em três grupos, destacando o seu significado e o seu lugar no discurso total, mesmo correndo o risco de superficializá-las como bem alerta Weil: "o resumo cria somente a confusão lá onde todo trabalho só se destina a desenvolver o que é envolvido no todo - que é humano". E acrescenta ainda: "todo livro filosófico só é verdadeiramente compreensível a partir da segunda leitura" (LP 440-441).

Tendo em vista os vários estudos já feitos sobre a Lógica da filosofia, cada um toma a decisão que lhe parece apropriada de acordo com o seu horizonte de interpretação. Porém uma tese é evidente e comum: a relação com a lógica especulati-

va. Confirmando esta tese, poder-se-ia dizer que existe uma única divisão: o antes da categoria do absoluto compreenderia as categorias à semelhança de uma lógica formal como também à semelhança de uma lógica transcendental e de uma lógica especulativa. O depois do absoluto ter-se-ia as categorias da filosofia as quais constituem as categorias no sentido weiliano. Em síntese seria todo o itinerário já feito na história da filosofia enriquecido agora com o novo sistema.

O aspecto mais importante nesta herança filosófica é assinalar a continuidade e a descontinuidade a partir do último sistema e não aos outros, embora estejam implícitos no sistema hegeliano, uma vez que este tenta integrar no seu sistema toda a tradição filosófica. A última filosofia é ainda a filosofia hegeliana porque esta ainda define um horizonte, uma linguagem, um código no seio do qual nos encontramos ainda hoje. Quanto ao declarar-se de acordo com Hegel é um problema completamente diverso.

O sistema weiliano compreende um discurso total com 18 categorias-attitudes na sua sucessão lógica: Verdade, Não-senso, Verdadeiro – Falso, Certeza, Discussão, Objeto, Eu, Deus, Condição, Consciência, Inteligência, Personalidade, Absoluto, Obra, Finito, Ação e duas categorias formais da filosofia: Sentido e Sabedoria (LP, p. 89-492). Esse conjunto de categorias nada mais é, que a expressão das attitudes compreendidas e realizadas pelo homem na historicidade.

### Referências bibliográficas

- CAILLOIS, R. "Attitudes et catégories selon Éric Weil" in *Revue du Métaphysique et de Morale*, 58, 1953, p. 273-291.
- KIRSCHER, G. "Sistematicità e apertura del discorso filosofico", in Éric Weil, *Diferenze*, 13, 1989, p. 122-173.
- . *La philosophie d'Éric Weil*, Paris: PUF, 1989.
- PERINE, M. *Filosofia e Violência*, S. Paulo: Loyola, 1987.
- SOARES, C. M., *O Filósofo e o político*, S. Paulo: Loyola, 1998.
- WEIL, Éric. *Logique de la Philosophie*, Paris: Vrin, 1985.